

Novo 'Nosferatu' amplia o prestígio de Robert Eggers

PÁGINA 2



Joyce Moreno abre projeto musical no Teatro Ipanema

PÁGINA 3



Musical explora as raízes de Martinho da Vila

PÁGINA 5



2º CADERNO

Fotos/Divulgação



Olhar não é pecado, mas perder o mestre Alfred Hitchcock, em sessão de *Janela Indiscreta* no Estação Botafogo; e *'Supiria'* (detalhe), obra-prima de Dario Argento, será exibido no dia 17, às 23h59

Estação das luzes

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Indicado ao Leão de Ouro do Festival de Veneza e a quatro Oscars (entre eles o de Melhor Direção), o suspense *"Janela Indiscreta"* (1954), de Alfred Hitchcock (1899-1980), será exibido nesta segunda-feira (6), às 21h, no Estação Botafogo, como um abre-alas autoralíssimo para a programação 2025 da sessão *Classiquíssimos*. O evento, que rola toda segunda, tornou-se uma espécie de curso de cinema em tela grande, alfabetizando os olhares das novíssimas gerações (nascidas na era dos streamings) e renovando a mirada da cine-

filia mais cascuda.

Tem uma dobradinha dessa atração de Botafogo com o Estação NET Gávea, onde os clássicos passam às quartas. Lá, o cardápio será aberto neste 8 de janeiro com o francês *"A Regra do Jogo"* (1939), de Jean Renoir (1894-1979), considerado um dos maiores filmes de todos os tempos pelas mais variadas enquetes da crítica internacional.

A precinhos bem camaradas (R\$ 16), o repertório do *Classiquíssimos* já flanou de Michael Mann (*"Fogo Contra Fogo"*) a Masaki Kobayashi (*"Harakiri"*), formando plateias. Nas próximas semanas, a grade, entre Botafogo e Gávea, sempre às 21h, inclui *"Onde Fica a Casa do Meu Amigo?"*, de Abbas Kiarostami (dia 13);

Circuito de arte mais prestigiado do Rio (e um dos mais respeitados do país) renova seu compromisso com a cinefilia com sessões de clássicos e projeções de cults à 0h

"O Discreto Charme da Burguesia", de Luis Buñuel (15); *"O Sétimo Selo"*, de Ingmar Bergman (20); *"Medéia, a Feiticeira do Amor"*, de Pier Paolo Pasolini (21); *"O Encouraçado Potemkin"*, de Sergei Eisenstein (27); e *"A Dupla Vida de Véronique"*, de Krzysztof Kieslowski (29).

Aos fins de semana, tem agito audiovisual nas salas do Grupo Estação também, no complexo da Rua Voluntários da Pátria, na sessão *Filmes da Meia-Noite*. Essa começou no dia 3 (e da mais assustadora forma), com *"Possessão"* (1981), de Andrzej Zulawski (1940-2016), pelo qual Isabelle Adjani ganhou a láurea de Melhor Interpretação em Cannes. No sábado, na cola do fenômeno *"Nosferatu"*, de Robert Eggers, rolou projeção da pérola expressionista do qual ele se deriva, *"Uma Sinfonia do Horror"* (1922), de F. W. Murnau (1888-1931). A boa desta grade que vem pela frente é a dobradinha entre a animação *"Perfect Blue"* (1997), de Satoshi Kon, na sexta, e *"A Montanha Sagrada"* (*"La Montaña Sagrada"*, 1973), do xamã chileno Alejandro Jodorowsky, no sábado.

No dia 17, às 23h59, o Estação Botafogo marca um encontro de seu público com um marco do giallo, o terror à italiana, numa exibição em telona de *"Suspiria"* (1977), do mestre supremo do filão: Dario Argento. *"Suspeito de que minha filmografia sempre se debruçou sobre forças que invadem vidas alheias, rompendo uma lógica de sanidade, gerando perigo"*, diz Argento, ao telefone, em papo com o Correio da Manhã. *"Terror é escavar as catacumbas da alma. O sobrenatural é o subterrâneo, é o que vive oculto em nós"*.

A grande dos Filmes da Meia-Noite do Estação segue com *"A Tragédia de Belladonna"*, de Eiichi Yamamoto (18); *"Heathers"*, de Michael Lehmann (24); *"Planeta Fantástico"*, de René Laloux (25); *"Eraserhead"*, de David Lynch (31); e *"Submarino Amarelo"*, de George Dunning (1/2). Novas bossas (leia-se "mostras") do circuito de arte mais prestigiado do Rio serão anunciadas nos próximos dias.

Divulgação

Um farol para o terror



Sucesso de crítica e público de 'Nosferatu' amplia o prestígio autoral do diretor Robert Eggers e estimula revisão de seus primeiros longas, produzidos pelo brasileiro Rodrigo Teixeira

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Três dias depois de sua estreia mundial, no natalino 25 de dezembro, "Nosferatu" consagrou-se como um êxito de bilheteria ao arrecadar US\$ 56 milhões, sob pesada concorrência ("Mufasa", "Sonic 3"), arrebatando elogios da crítica pelo requinte de seus planos. Foi lançado no Brasil na última quinta, cercado por "O Auto da Compadecida 2" por todos o lado, mas encheu salas... e colheu aplausos. Com as cifras que fez, provou o quanto a boa onda que impulsiona o cinema de terror, vide a avassaladora consagração de "A Substância" (hoje na MUBI), não quebra fácil e é capaz de renovar grifes autorais. Robert Eggers, diretor da epifania vampírica orçada em US\$ 50 milhões, baseada no clássico homônimo da rra muda das telas, é um desses autores.

Partiu do marco expressionista lançado em 1922 por Friedrich Wilhelm Murnau (1888–1931), derivado do romance "Drácula" (1897), e construiu uma visão particularíssima do Príncipe das Trevas. Tem fortes chances de indicações ao Oscar, sobretudo para os figurinos de Linda Muir, para a direção de arte de Craig Lathrop e Beatrice Brent-



Focus Features

O diretor Robert Eggers (de boné) no set de 'Nosferatu', que vem arrancando elogios da crítica pelo requinte se seus planos

nerova, e para a fotografia de Jarin Blaschke. O prestígio que vem alcança, sessão a sessão, com a saga do Conde Orlok (Bill Skarsgård), em sua sede de sangue e do amor de Ellen (Lily-Rose Depp), abre uma corrida por seus filmes anteriores, que têm o Brasil no DNA. Rodrigo Teixeira, da RT Features (de "Ainda Estou Aqui"), foi o produtor de seus dois longas-metragens iniciais: "A Bruxa" ("The Witch", 2015), hoje na Netflix, e o badalado "O Farol" ("The Lighthouse"). Esse último pode ser visto na Prime Video.

Com a conquista do Prêmio da Crítica dado pela Fipresci (Federação Internacional

de Imprensa Cinematográfica) no Festival de Cannes de 2019, "O Farol" custou US\$ 11 milhões e somou US\$ 18,3 milhões na venda de ingressos, embalado por uma indicação ao Oscar, recebida pelo já citado fotógrafo Jarin Blaschke, escudeiro de Eggers. Nas raias do calafrio, a produção é uma experiência narrativa que esgarça as fronteiras do jogo cênico, dando ao perseverante Robert Pattinson ("The Batman") uma paga à altura de seu esforço. Ele galga uma borda de abismo que lembra o destino de Jack Nicholson no cult "O Iluminado" (1980). São filmes da mesma enfermaria.

A projeção de Eggers na Croisette ocorreu numa das mais respeitadas vitrines da maratona cannoise, a Quinzena de Cineastas, numa chuvosa manhã de domingo, um dia antes da RT levar "A Vida Invisível", de Karim Ainouz, ao Palais des Festivals, de onde saiu com o Prix Un Certain Regard. A França serviu de berço para ambos os longas e tratou Pattinson com loas, em especial depois de ele ter passado lá com alguns de seus trabalhos mais ousados, como "Bom Comportamento" (2017) e "Cosmópolis" (2017), buscando se desligar da aura de galã que viu se formar a seu redor com "A Saga Crepúsculo" (2008-2012).

Na direção de "O Farol", Eggers confirmou seu domínio pleno das ferramentas da insanidade e das trevas. Nunca uma sereia foi tão aterrorizante nas telas, quanto a que cruza o caminho dos faroleiros Howard (Pattinson) e Wake, papel de um devastador Willem Dafoe, que brilha ainda em "Nosferatu", consolidando uma parceria com o realizador. Fez com ele ainda "O Homem do Norte" (2022), uma espécie de Conan contemporâneo, que pode ser acessado via Prime Video. São títulos que carregam a assinatura estética de Eggers, empenhado em expor as muitas vulnerabilidades dos homens numa sociedade que escanteia a virilidade.

Na trama de "O Farol", o isolamento leva Howard e Wake a um processo de descontrole, que arranha a violência. Passam a ver o que não existe e revelam o pior que guardam na alma. É um thriller psicológico respeitoso com a tradição desse filão.

Laureado com o prêmio de realização em Sundance, "A Bruxa" tinha em si um respeito canino pelos cânones clássicos do terror, entregando ao espectador aquilo que mais se espera desta linhagem - ou seja, sustos -, mas o faz caminhando por uma selva de signos quase animais, primos, do masculino e do feminino. Atuações primorosas, sobretudo a da atriz Anya Taylor-Joy, alternam espaço com um personagem para entrar na História do assombro: o bode Black Phillip. A cada ano que passa, esse longa se torna mais vivo e pujante, com sua reflexão sobre a opressão das mulheres, ao longo dos séculos, caracterizada a partir de uma Nova Inglaterra de excomuniões, paganismos e de feitiçarias do século XVII. Eggers caminha na referência de dois pensadores cinematográficos da Fé e do ardor - o Ingmar Bergman de "A Fonte da Donzela" e o Carl Dreyer de "A Palavra" - para fazer uma metafísica da culpa e do revanchismo. O debate plástico e cinéfilo aberto lá volta em "O Farol", numa discussão sobre (in)sanidade, e regressa em "Nosferatu", num duelo entre a razão e o místico.

Esperemos o que Eggers tem pela frente...

A música volta e veio pra ficar

Joyce Moreno abre temporada de terças musicais que chega ao Teatro Ipanema

Nesta terça-feira (7) o Teatro Ipanema, que já foi espaço privilegiado de shows musicais, promove a abertura do projeto Terças no Ipanema, que vai levar a música de volta ao espaço em caráter permanente, sempre às terças-feiras. A ideia do projeto é retomar o hábito das temporadas, hoje restrito aos espetáculos teatrais.

Quem abre a temporada é a cantora e compositora Joyce Moreno, ela própria assí-

dua frequentadora do teatro, tanto no palco quanto na plateia. “Fiz várias temporadas no Ipanema, nos anos 1970 e 1980. Lembro especialmente de uma em 1979, chamada ‘Feminina’, onde eu dava uma prévia do álbum que faria no ano seguinte”, lembra Joyce. A temporada da artista carioca, batizada de “O Janeiro do Rio”, será nos dias 7, 14, 21 e 28 deste mês.

Nas duas primeiras terças-feiras (7 e 14), Joyce recebe Jards Macalé, parceiro e amigo de longa data. Nas terças seguintes - 21 e 28 de janeiro -, os convidados serão o contrabaixista Jorge Helder e o baterista Tutty Moreno, marido da artista. “A ideia é oferecer dois shows diferentes: um de voz e violão (dias 7 e 14), em que vou cantar canções bem cariocas minhas, como “Tardes Cariocas”, e de compositores como Tom Jobim, Vinícius de Moraes, Carlos Lyra e Paulinho da Viola. Jards participa dividindo alguns sambas antigos e “Um Abraço do João”, que fizemos juntos”, conta.

Nos shows que acontecem nos dias 21 e 28 de janeiro, Joyce Moreno terá a companhia dos músicos citados em uma formação de trio. Já indicado ao Grammy Latino na categoria de Melhor álbum de Jazz, Tutty Moreno participou de shows e discos emblemá-

Vera Donato/Divulgação



Amigos e parceiros de longa data, Joyce recebe Jards Macalé nas duas primeiras apresentações que fará pelo Terças no Ipanema

ticos de Caetano Veloso, Gilberto Gil e Jards Macalé, produzidos em Londres nos anos 1970, entre outros inúmeros artistas. Impriu seu estilo na bateria nos discos que Joyce gravaria a partir de “Feminina”, de 1980. Requisitado por grandes nomes da MPB, como baixista e produtor, Jorge Helder acaba de lançar um projeto solo com obras de Chico Buarque, com quem toca há décadas. O clima deste encontro será um pouco mais jazzístico.

Flávia Souza Lima, produtora cultural há 30 anos, é a responsável pela coordenação executiva e curadoria artística do projeto: “O Terças no Ipanema nasceu em colaboração com a Secretaria Municipal de Cultura, para voltar a ocupar um espaço que sempre teve forte vocação musical”. Vale lembrar que o antigo Teatro Ipanema revelou artistas como Marina Lima, Cazuza, Jards Macalé, Angela Ro Ro, Marisa Monte, Eduardo Dussek e a banda Barão Vermelho, entre muitos outros.

SERVIÇO

TERÇAS NO IPANEMA COM JOYCE MORENO

Teatro Ipanema (Rua Prudente de Moraes, 824)

7, 14, 21 e 28/1, às 20h

Ingressos: R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Bregafunk de verão

Ávine Vinny deu início ao projeto “Quebra-Cabeça” com a faixa “Guardanapo”, com participação de Henry Freitas. Com um conceito original, no qual cada uma das dez faixas tem um cenário e roupa diferente, o artista dá sequência ao trabalho com a música “Vida de Bebo”, parceria com Grego. Dono do hit “Coração Cachorro”, Ávine traz agora um bregafunk com a cara do verão. A música fala sobre a pessoa que terminou, mas sente falta e quer voltar porque não aguenta mais a vida de solteiro.

Divulgação Sony Music



Divulgação



Mantra introspectivo

O cantor e compositor paulista Fabio Nogara dá início a 2025 com o lançamento do single “Leve e Suave”, canção assinada pelo consagrado compositor Lenine. Inspirada por reflexões sobre a brevidade da vida, “Leve e Suave” traz a delicadeza característica da prosa de Lenine, como explica Nogara: “Acredito que essa música é uma espécie de mantra, ideal para momentos de introspecção. Lenine nos presenteia com uma mensagem profunda e carregada de beleza.” Com arranjos que destacam o violão e a viola, o single tem a direção musical de Paulo Tó.

Trappin/Divulgação



Fora dos padrões

Cria de Niterói, NK da Grota vem despontando na cena trap mostrando atitude, inovação e versos ágeis. O artista acaba de lançar a faixa inédita “Adoro Essa Vida”, um trap que carrega uma mensagem poderosa e inspiradora. Entre os versos, ele rima sobre a jornada de quem enfrenta batalhas difíceis, supera desafios e, com persistência, alcança a vitória sem abandonar o caminho do bem. O single quebra o padrão dominante do gênero ao trazer uma energia mais positiva, sem palavrões, mas mantendo a autenticidade e o estilo marcante. O clipe na cidade natal do artista.

Ressignificando Medeia



Monólogo 'Mata Teu Pai', com atuação de Debora Lamm, volta ao circuito carioca depois de um intervalo de cinco anos

Indicada como melhor atriz ao Prêmio Shell 2024 por sua atuação em "Último Ensaio", espetáculo que celebra os 15 anos da Cia. OmondÉ, Debora Lamm está de volta ao teatro com outra montagem da companhia, o monólogo "Mata Teu Pai", que estreou em 2017 e estava longe dos palcos cariocas havia cinco anos.

Com direção de Inez Viana e texto de Grace Passô, a peça é inspirada em uma das mais conhecidas personagens da dramaturgia grega, Medeia – e tem muito a dizer sobre os dias atuais, nos quais imperam o retrocesso e a intolerância.

A encenação se baseia no discurso de Medeia, no qual o público tem papel fundamental. Junto

com a atriz Debora Lamm, estão em cena As Meninas da Gamboa – um grupo de dez senhoras com mais de 65 anos, moradoras da região da Gamboa, na zona portuária carioca. Elas formam um coro, espécie de inconsciente de Medeia. Para além de um paralelo sobre o mito, Grace Passô recria a sua feiticeira, performada por Debora Lamm, e a insere nos dias de hoje, criando assim um debate sobre a condição da mulher. Também propõe uma mudança na história, inaugurando uma nova perspectiva e versão para o mito.

"É um texto que revê a ótica da Medeia como expatriada, como uma mulher que vive sozinha, cuida dos filhos sozinha. A peça revê a condição da mulher e

“É um texto que revê a ótica da Medeia como expatriada, como uma mulher que vive sozinha, cuida dos filhos sozinha. A peça revê a condição da mulher e questiona a postura do Jasão, mas sem perder a estrutura trágica”

Debora Lamm

questiona a postura do Jasão, mas sem perder a estrutura trágica”, diz Debora. “Ela não sofre por ele com aquele amor romântico idealizado. Sofre pela postura dele, ela virou mãe solo”, completa.

Medeia está em movimento, vive em meio a escombros da cidade onde agora está. Encontra mulheres: síria, cubana, paulista, judia, haitiana. Se vê na mesma condição de imigrante. Algumas tornam-se suas cúmplices, outras suas algozes. Percorre um caminho interior, no qual decide que quem tem que morrer é ele, Jasão, que a desprezou e tirou seu direito de ser sua mulher. Ela tem consciência de seus direitos e luta por eles.

“Esta peça é a voz de várias mulheres. A Grace usa a história da Medeia para falar de muitos temas, especialmente sobre o patriarcado. ‘Mata Teu Pai’ é mata o patriarcado”, explica Inez, que fez atualizações na montagem para a reestrea. Na concepção da diretora, o cenário original da

montagem não existe mais: agora há uma mesa, e a própria Inez entra em cena para fazer duas ações e operar a luz ao lado do palco.

A peça “Mata Teu Pai” é a primeira de uma trilogia (ainda não concluída) concebida e dirigida por Inez Viana e escrita por Grace Passô. Sexto espetáculo da Cia OmondÉ, primeiro em forma de monólogo, a peça estreou nacionalmente em janeiro de 2017, no Espaço Cultural Sérgio Porto.

A segunda peça da trilogia chama-se “Mata Teu Pai, ópera balada” e estreou no Sesc Pompeia, em 2022. Em 2025, o espetáculo fará temporadas nas unidades do CCBB de Belo Horizonte e Brasília.

SERVIÇO

MATA TEU PAI

Espaço Cultural Municipal Sérgio Porto (Rua Humaitá, 163) | De 10 a 26/1, às sextas e sábados (20h) e domingos (19h) | Ingressos: R\$ 40 e R\$ 230 (meia)

Com dramaturgia de Helena Theodoro e direção de Miguel Falabella, musical celebra Martinho da Vila num espetáculo repleto de africanidade



No palco, um time de bambas com 20 talentosos atores-cantores-bailarinos e oito músicos dão vida a história do artista em 'Martinho, Coração de Rei - O Musical'

Martiniando no palco

Os musicais vêm levando multidões aos teatros cariocas e os espetáculos inspirados na vida de grandes nomes da música brasileira conseguem feitos ainda maiores. Com dramaturgia de Helena Theodoro e direção de Miguel Falabella, estreia nesta quinta-feira (10), no Teatro Riachuelo, "Martinho, Coração de Rei - O Musical" mergulha nas raízes africanas do mestre sambista Martinho da Vila, revelando a profunda influência da Folia de Reis e de outras manifestações culturais afro-brasileiras em sua obra.

Renomada especialista em África, Helena Theodoro baseou-se em suas pesquisas sobre o continente africano e na autobiografia "Martinho da Vila: Reflexos no Espelho" para celebrar a força da ancestralidade e a riqueza da cultura negra.

"Martinho, Coração de Rei - O Musical" passeia pela vida e obra de um dos maiores sambistas do Brasil. É uma celebração à rica história do samba e à trajetória de um ícone da música popular brasileira, e com uma trilha sonora inesquecível, o espetáculo nos transporta para o universo de Martinho, revelando um homem

apaixonado pela música, pela família e pela cultura brasileira.

Trata-se de mais um projeto da Fato Produções, atuante há mais de 30 anos no mercado cultural, no comando do premiado produtor Jô Santana, que tem uma carreira marcada por produções de grande sucesso e relevância cultural, como a Trilogia do Samba, que homenageou Cartola, Dona Ivone Lara e Alcione. Neste projeto, Jô está novamente fazendo uma dobradinha com Miguel Falabella, parceiro com quem realizou o sucesso "Marrom, o Musical" e mais recentemente o espetáculo

"A Partilha", o diretor Falabella e a dramaturga Helena Theodoro alicerçam um espetáculo recheado de africanidades e referências icônicas da história do povo preto - fazendo um resgate ao panteão, outrora grego, mas aqui retratado na sua real origem, pois o espetáculo é uma contemplação a lendas e mitos afro-brasileiros e ao samba.

Dividido em dois atos com duração de 150 minutos com 15 minutos de intervalo, o espetáculo passa pelo homem de família, pelo compositor, que foi militar, apaixonado por futebol e chega ao carnaval, às grandes e ancestrais

rodas de samba - inclusive neste momento da roda de samba, grandes nomes do samba carioca fazem participações especiais.

No palco, um time de bambas, 20 talentosos atores-cantores-bailarinos e oito músicos dão vida a essa história, entre os quais temos a felicidade de contar com netos de Martinho: a atriz, cantora e dançarina Dandara Ventapane e o músico Guido Ventapane.

Este grandioso espetáculo de teatro musical movimenta mais de 300 empregos diretos e indiretos gerados neste período desde a concepção até o fim da temporada, conta com mais de 250 figurinos criados pelo premiado Cláudio Tovar e confeccionados por colaboradoras do empreen-

dimento social Tereza com apoio do Instituto Humanitas360. Por meio dessa parceria, nove mulheres egressas do sistema prisional estiveram costurando e bordando as peças em ateliê instalado na Oficina Cultural Oswaldo Andrade. Soma-se uma cenografia ágil, surpreendente, e uma seleção de músicas de Martinho da Vila que certamente todo mundo já conhece.

SERVIÇO

MARTINHO, CORAÇÃO DE REI - O MUSICAL
Teatro Riachuelo (Rua do Passeio,
De 10/1 a 23/2, de quinta a sábado (20h) e domingos (19h)
Ingressos entre R\$ 39 e R\$ 200

Paulo-Roberto Andel

Interesseiros e interessados

Era pra ser engraçado, talvez cruel ou nada disso. Há pouco me procurei uma pessoa que não falava comigo há anos. Não uma conhecida qualquer, mas alguém que contou comigo em várias situações importantes, e que evidentemente não foi recíproca, daquelas que some para não correr o risco mínimo de algum pedido. Tudo bem, a vida é assim e a maioria das pessoas é ingrata mesmo. Acontece que, se você só se relaciona com as pessoas que não vão te amolar, precisa estar preparado para o desprezo, a frieza e indiferença por aí. Depois de um tímido oi, a criatura vem perguntar se tem algo errado e digo que não. Insiste, persiste. Explico que não, mas...

“Puxa vida, há tanto tempo que a gente não se fala, né?” (show de cinismo)

“É, tem sim. Desde que você achou que eu ia te pedir favores ou dinheiro emprestado, simplesmente deixou de fazer contato e desapareceu.” (não contem comigo para hipocrisia)

Mensagem visualizada, silêncio e demora de réplica porque o soco foi no queixo e, se a pessoa não é completamente calhorda, ela sente

Três minutos...

“Eu só queria saber como você está”.

“Estou bem. Ótima semana”.

“Fique bem”. (certamente o objetivo original desta expressão era outro, mas com o tempo ela se tornou um ícone do “foda-se”. reparem que em muitos casos, quem a usa gosta de manter distância regulamentar de todo mundo para “não alimentar relações tóxicas” ou “só ficar perto do que faz bem”. resumo: gente interesseira que usa a companhia alheia como um objeto descartável...)

Polegar amarelo, outro ícone para dar fim a conversas desimportantes de gente que só te procura de maneira interesseira, não interessada e nem interessante. Toda relação positiva tem interesses também positivos: você tem o interesse fraternal, cordial, afetivo, amoroso, sexual etc, todas com desdobramentos. O interesseiro, não: ele só procura alguém para resolver algo, seja imediatamente ou não, mas já tendo em mente que tem prazo de validade para descartar o próximo, que vê como um simples objeto. Sua questão é apenas atender aos próprios interesses, geralmente materiais, e mais nada. É fácil identificar o interesseiro em qualquer lugar, basta pensar no nome da criatura e refletir o seguinte: “Se a minha relação com fulano/a não envolvesse dinheiro, poder, prestígio ou visibilidade, ela estaria aqui do meu lado?”

O jogo da vida é simples e direto. Com os recursos atuais, só não se fala quem simplesmente não quer. Se os tempos ficaram mais curtos, mandar um recado pela internet, um olá etc, não leva mais do que dez segundos. Desculpas esfarrapadas soam cada vez mais ridículas. Honestidade não faz mal a ninguém. Se você não sente obrigação de valorizar nenhum contato, este é um direito legítimo; apenas não reclame se no futuro o tratamento recebido for idêntico ao que você adotou. A indiferença é democrática e dói para todo mundo, até para os mais calhordas. Não que eu queira oferecer dor a ninguém: é questão de justiça. O polegar foi respondido com um smile. Para certas pessoas, só cabe mesmo o silêncio sepulcral.

O abismo

dentro de nós

Desde sua estreia, há pouco mais de dois anos, o espetáculo já fez quase 200 apresentações no Brasil e no exterior

O premiado ‘Enquanto você voava, eu criava raízes’ inicia uma nova temporada na cidade

Os artistas André Curti e Artur Luan-da Ribeiro criaram a Cia Dos à Deux há pouco mais de 25 anos, na França, com uma linguagem única que une dança, teatro, circo, artes cênicas, mímica e artes plásticas. “Enquanto você voava, eu criava raízes”, trabalho mais recente da dupla, traz essa combinação na forma de criar e conquistou prêmios na APTR e Shell, foi indicada em categorias na Cesgranrio e APCA - Associação Paulista de Críticos de Artes. Agora, a peça faz nova temporada no Teatro Adolpho Bloch, a partir desta quinta-feira (9).

André e Artur assinam a dramaturgia, cenografia, coreografia, encenação e performance da montagem. Essa linguagem, elaborada a partir de temas de seus espetáculos

e com bastante precisão técnica, lança o público na magia do teatro.

Em “Enquanto você voava, eu criava raízes” não é diferente, o corpo é o guia da partitura e a fonte de leitura do trabalho. As cenas se completam e transitam entre o onírico e a realidade: uma experiência que traz à tona alguns conteúdos do inconsciente coletivo e, ao mesmo tempo, reflete diretamente nas particularidades de cada um. Cada espectador é convidado a acessar o que há de profundo dentro de si, em assuntos a um só tempo singulares e universais. O corpo, o visceral, o medo, a solidão, a alma, a reconciliação, a luz, a cura, a morte, a vida. E, enfim, a integração. “Para mim, nesse espetáculo, ficamos à beira do abismo desde o início”, diz André. “São os abismos que temos dentro de nós, essa sensação de vazio permanente, de que há algo dentro se abrindo e um outro eu está caindo dentro de si”, completa Artur.

No palco, os artistas não dizem nenhuma palavra. Nesse trânsito entre linguagens, os significados também se apresentam diversos e chegam ao público em camadas

múltiplas e plurais. Um espetáculo sensorial entre sonho e realidade, em que o público é lançado a um emaranhado de sombras e luzes, diante do imensurável, da imensidão e do mistério do abismo.

As imagens projetadas, criadas pelo diretor de fotografia Miguel Vassy e pela artista plástica Laura Fragoso, dialogam com a dramaturgia, assim como a música original criada por Federico Puppi ajuda a construir a magia desse universo.

Desde a estreia em 2022, o espetáculo fez quatro temporadas de sucesso no Rio. Em 2023, fez sua primeira temporada em São Paulo e participou do Festival de Teatro de Curitiba e do Cena Contemporânea, em Brasília. E esteve em cartaz durante um mês na França, no Festival de Avignon.

SERVIÇO

ENQUANTO VOCÊ VOAVA, EU CRIAVA RAÍZES

Teatro Adolpho Bloch (Rua do Russel, 804 - Glória)
De 9/1 a 23/2, de quinta a sábado (20h) e domingos (18h) | Ingressos entre R\$ 40 e R\$ 120

Gastronomia brasileira no alto

Por **Cláudia Chaves** Especial para o Correio da Manhã

Grandes restaurantes podem estar em hotéis, para atrair não hóspedes a desfrutar de ótima comida. Exatamente assim fez o Rio Othon Palace reinaugurar o Skylab, em sua cobertura. O novo menu é assinado pelo chef maranhense Rubens Gonzalo, com experiência internacional em hotelaria. Criativo e de forma bastante segura, é dedicado à gastronomia brasileira de produto, ingredientes regionais com técnicas contemporâneas

Fomos eu e Sergio Fonta, escritor, diretor e ator, um conhecedor dos segredos da culinária de primeira ordem. Sem medo de ser feliz, optamos pela proposta ousada do chef, o menu degustação de 10 etapas no jantar, que redundava em um enorme acerto, pois a mistura de ingredientes é um verdadeiro festim.

CRÍTICA / RESTAURANTE / SKYLAB

Alexander Landau/Divulgação



Vieira com caldo de tucupi, um hit da casa

O couvert é o pão da casa (sourdough), manteiga (aromatizada pelo chef), e marinada da casa. As entradas como o Boudin, foie, shitake e creme de cogumelo; tartar de wagyu, pão de mel na brasa e pickles de cebola e a abóbora com caldo de frango, tucupi e shitake. Os legumes assim como os braseamentos são de uma perfeição, que se saboreia olhando a praia urbana mais linda do mundo.

Os principais trazem os melhores do mar e as carnes nobres. As vieiras (nossas preferidas sempre) com texturas de couve flor; das melhores que experimentamos; o peixe fresco com creme de palmito e morilles, o fungo comestível; o wagyu (um dos quatro cortes japoneses, naturalmente entremeadada de gordura, que lhe dá um sabor inigualável) e bisque de lagosta; a lagosta com maionese de wasabi e maçã verde e o cordeiro com trufas negras e baroa com castanha. Sergio, expert em cordeiro, considerou impecável.

Para finalizar, uma surpreendente degustação de meles de abelhas nativas e queijos brasileiros, como pré-sobremesa, seguida por graviola, sorbet de castanha e pó de amêndoas. O serviço impecável de toda a equipe garantiu uma magnífica refeição.

SERVIÇO

SKYLAB

Rio Othon Palace (Av. Atlântica, 3264 – Copacabana)

Diariamente, das 12h às 16h e das 19h às 23h

NOTÍCIAS DA COZINHA

POR CLÁUDIA CHAVES

Tradição de Reis II

O Café Cardin celebra a data da visita dos Três Reis Magos a Jesus com duas delícias. O Bolo de Reis é recheado com frutas cristalizadas, uva passas e uma medalha de São Bento, que promete trazer sorte para quem encontrá-la. A cobertura é de fondant, uva passas, damasco, frutas cristalizadas e nozes. A Rosca de Reis é preparada com pão de fermentação natural coberto com fondant, uva passas, damasco, frutas cristalizadas e nozes, recheada com uva passas e frutas cristalizadas e, claro, também uma medalha de São Bento.

Divulgação



Divulgação

Tradição de Reis

Neste 6 de janeiro é comemorado o Dia de Reis, a data perfeita para desmontar a decoração, fazer simpatia com romã e comer o bolo de reis em homenagem aos Reis Magos. Nas lojas do Talho Capixaba (Leblon, Gávea e Ipanema) são três opções: o tradicional Bolo de Reis - massa doce com frutas cristalizadas, seguindo a receita portuguesa; o Bolo Rainha - massa doce com frutas secas e uva passa e a Galette de Rois - massa folhada com recheio a base de amêndoas originária da França, com um brinde cerâmico. Os Bolos trazem a tradicional fava de brinde.

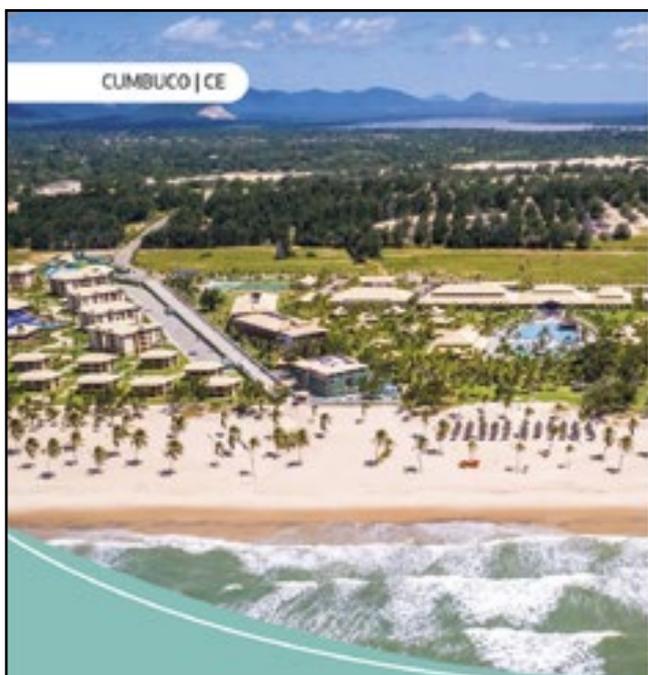


Divulgação



Novidades no Cantón

O Cantón, a primeira casa chifa do Brasil, do Chef peruano Marco Espinoza, está com novidades em suas unidades Copacabana e Rio Sul. Para começar Chan Bao, pãozinho ao vapor, com hambúrguer de linguiça, temperos orientais, chimichurri oriental e maionese apimentada com pickles. O Passeio Cantonês inclui Chijaukai/Cruyoc/Camarão ao curry e Lomen de carne, com arroz frito, broto de feijão e macarrão chinês; o Tappá traz frango, porco, pato e vegetais com ovo de codorna e molho cantonês, com arroz frito, broto de feijão e macarrão chinês. E Moon Cake para fechar.



PARA OS SEUS SONHOS, OS MELHORES
destinos.
PARA VOCÊ, A MAIOR REDE DE RESORTS DO BRASIL.

Nos resorts all inclusive da Vila Galé a alegria dura o ano inteiro.
Viva momentos inesquecíveis com muito conforto e diversão.

